

Ensino da Língua ou Conquista da Palavra

Regina Maria Hubner

OS MATERIAIS DA VIDA

Carlos Drummond de Andrade

Oris ? Faço meu amor em vidrottil
nossos coitos são de modernfold
até que a lança de interflex
vipax nos separe

em clavilux

camabel camabel o vale ecoa
sobre o vazio de ondalit
a noite asfáltica

plKx.



JAGUADARTE

Lewis Carroll

Era briluz. As lesmolissas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos,
Estavam mimsicais as pintalouvas
E os momirratos davam grilvos.

"Foge do Jaguadarte, o que não morre!
Garra que agarra, bocarra que urra!
Foge da ave Felfel, meu filho, e corre
Do frumioso Babassurra!"

Ele arrancou sua espada vorpal
E foi atrás do Inimigo do Homundo
Na árvore Tamtam ele afinal
Parou um dia sonilundo

E enquanto estava em sussustada sesta
Chegou o Jaguadarte, olho de fogo,
Sorreliflindo através da floresta,
E borbulia um riso louco!

Um, dois! Um, dois! Sua espada mavorta
Vai-vem, vem-vaí, para trás, para diante!
Cabeça fere, corta e, fera morta,
Ei-lo que volta qalunfante.

"Pois então tu mataste o Jaguadarte!
Vem aos meus braços, homenino meu!
Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!"
Ele se ria jubileu.

Era briluz. As lesmolissas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas
E os momirratos davam grilvos.

"Sou péssimo em Português!", "O meu problema é que não sei interpretar textos!", "Você vai dar o programa do vestibular?", "Detesto ler!", "Pra que aprender Português, se já sabemos falar?". Estes desabafos devem ser conhecidos de muitos professores. São vozes de alunos meus ao iniciarem o curso de 2º grau e, apesar de todo o esforço de uma equipe de professores no sentido de rever com eles o preconceito em relação a "Português", ressoam ainda no decorrer do 2º e do 3º ano. Estes depoimentos inquietam-me bastante, visto que são expressões de alunos com oito, nove e até dez anos de escola e, somados a outros dados, refletem, a meu ver, o ensino de língua e literatura desenvolvido no 1º grau.

Desde os primeiros anos a leitura é dissociada de exercício crítico e frequentemente ligada ao desprazer de um trabalho maçante e pouco criativo em que nada se exige do aluno a não ser a repetição banal de nomes e seqüências de ações. O texto serve apenas de pretexto para exemplificar normas gramaticais que acabam sendo, por sua vez, a razão de ser dos cursos. A compartimentação gramática/texto/redação e a ênfase no estudo da gramática ficam evidentes ao encontrarmos alunos que mal escrevem, quase não leem, mas sabem muitas regras, muitas exceções, muitos pormenores da língua. Só não sabem o essencial: usá-la eficientemente. Basta examinar alguns livros didáticos de 1º grau ou algumas redações para confirmar estes dados.

A questão é complexa, pois não pode ser vista isoladamente, já que "Comunicação e Expressão", "Língua e Literatura Brasileira" e "Técnica de Redação em Língua Portuguesa" são fragmentos de uma estrutura esfacelada, direcio-

nada para o vestibular, distante da "vida". Entre outras coisas, próxima à concepção de saber-enciclopédia: acumular informações é a grande jogada!

Embora a solução destes problemas por um lado esteja distante, dado a sua extensão, por outro existe o desejo de nossos alunos, existe o nosso trabalho que desejamos vivo. É difícil mudar! Especialmente mudar a nossa ação, uma vez que somos formados nesta estrutura. Mas o jeito é tentar. Fazer! Como disse o poeta João Cabral: "Fazer: porque ele é mais difícil / do que não fazer".

Ao chegarem ao segundo grau, os alunos estão "alfabetizados", mas são ignorantes de sua palavra e da palavra do outro, além de desconhecerem o prazer do trabalho. Por esta razão não suportam a dificuldade do exercício, do refazer, da concentração.

Muitas vezes, algumas escolas, ou alguns professores encontram na "facilidade" a solução para estes problemas. No entanto, esta saída parece-me falsa porque cai no "tudo é válido desde que o aluno goste" e tudo acaba sendo o mais fácil, o mais mastigado possível. O texto é sempre o simples, e o trabalho, o dramático. Ninguém lê. Ninguém escreve.

Parece-me importante a conquista da palavra, e, como toda luta, esta conquista significa um trabalho às vezes árduo de fazer, refazer, organizar, reorganizar, reconhecer, associar, escavar para descobrir, não apenas as possibilidades do signo lingüístico, mas, porque não dizer, descobrir as possibilidades de cada um, já que somos feitos de palavras:

Segundo Melany Copit e Cecília Montag Hirschzon no texto "Psicanálise e Paulo Freire", "O conhecimento dá prazer - o prazer de dar sentido. Mas o conhecimento também se origina de frustração. Sem frustração não há pensamento: há que existir a falta para que a representação mental do objeto ausente possa se dar. A dor é a condição mesma do conhecimento. É necessário suportar o não-saber, a desorganização, o caos, o ódio e a angústia correspondentes para que se possa aprender".

O ponto de partida, a meu ver, é a sensibilização do aluno para o reconhecimento da palavra como possibilidade de expressão de seus pensamentos, de suas emoções, de seus sentimentos. É a sensibilização para a ação de dar significado. Há de se considerar que a divisão disciplinar presente nos programas oficiais e nos livros didáticos agrava a situação porque prejudica a construção da totalidade pelo aluno.

Não é possível esquecer o apelo do vestibular quando planejamos o curso, pois estaríamos desprezando um dado importante da realidade. No entanto, se investirmos inicialmente na mudança de atitude do aluno frente ao trabalho com a língua e a literatura, embora possa parecer "perda de tempo", acreditamos estar atingindo o objetivo do curso: os alunos descobrindo o rosto das palavras no seu emprego na frase, os seus sentidos dialéticos, as suas ressonâncias, as ligações que se estabelecem entre os elementos do pensamento e da ação. E mais, nesta ação expressando-se livremente. E, porque não, conquistando a aprovação no vestibular?

O ensino da língua, a meu ver, significa a possibilidade do aluno comparar os diferentes

níveis, registros e usos da linguagem, reconhecendo as funções existentes nos textos, percebendo a ambigüidade, a ironia e outros elementos que lhe permitem tecer um sentido. Além disso, significa também que ele seja capaz de utilizar a língua com habilidade para exprimir-se, para convencer, para demonstrar e para comover.

Este exercício de percepção da palavra que já tenho experimentado pode ser feito de modo circular, isto é, abarcando vários aspectos organizados de tal modo que propiciem o aprofundamento da questão. Sem dúvida, não é trabalho a curto prazo, restrito a uma unidade, mas pode ser discutido mais sistematicamente num determinado momento como o 1º bimestre por exemplo.

Há muitos autores que já questionaram em contos ou crônicas os sentidos das palavras. Mais recentemente, para exemplificar, Luís Fernando Veríssimo na crônica "Defenestração" explora a sonoridade e os possíveis significados das palavras através do humor. Assim:

"Certas palavras têm o significado errado. Falácia, por exemplo, devia ser o nome de alguma coisa vagamente vegetal. As pessoas deveriam criar falácias em todas as suas variedades. A Falácia Amazônica. A misteriosa Falácia Negra. /.../ Plúmbeo devia ser o barulho que um corpo faz ao cair na água.

Mas Nenhuma palavra me fascinava tanto quanto defenestração.

/.../Defenestrar devia ser um ato exótico praticado por poucas pessoas. Tinha até um certo tom lúbrico. Galanteadores de calçada deviam sussurrar no ouvido das mulheres:

- Defenestras?

A resposta seria um tapa na cara. Mas algumas... Ah, algumas defenestravam.

Também podia ser algo contra pragas e insetos. ..."

A leitura e discussão de um texto como este pode nos levar a uma reflexão sobre a língua

e outros tipos de linguagem, ao desejo de experimentar o jogo, a vontade de ler textos teóricos sobre o assunto e a produzir textos que traduzam a vida que une cada palavra a seu emissor. Cito alguns exemplos, que são trechos de produção dos alunos:

"OLHO"

"Ele vê? não enxerga? Significado absurdo, olho sem personalidade, sem verdade, sem lógica. O meu também vê, mas também enxerga além das coisas, além da lógica, além do óbvio.

Olho me lembra verdade e eu assim o sinto. A verdade estampada no que vejo. Às vezes consigo saber muito mais sobre uma pessoa olhando para ela do que ouvindo o que ela diz, o que ela pensa. Meu olho é profundo: possui muitas coisas além da pupila, da íris. Ele é esperto. Há pessoas que também têm olho assim, mas não decifram o que enxergam. É preciso ter 'jogo de cintura' para entender o que se vê.

Meu olho é lotado de emoção. Enxergo uma beleza extremamente grande em cada estrela no céu, em cada orelha, em cada planta, em cada bebê, em cada olho..." (Cristina Catunda Guedes, 15 anos, 1º colegial, Colégio Galileu Galilei, S.Paulo).

Este trabalho pode prosseguir com a criação de palavras como "splatifunt", "faupibula -gem", meliz-prix e outras cujo significado será construído primeiro oralmente e depois por escrito. Sobre "Desfrutático":

"/.../

-Três braços. Aí, eles vieram caminhando para o meu lado, dizendo umas coisas estranhas, mais ou menos assim: bzt, bzt. Eu tentei fugir mas não consegui. Eles chegaram bem pertinho de mim, ajustaram uns botões que tinham na cabeça (o quê? Eu não falei nos botões? Pois tinha uns botoes na cabeça) e desandaram a falar comigo: 'Somos do planeta Desfrutar e estamos aqui em missão muito importante (bzt). Volte aqui amanhã às 12:00 horas com as autoridades de seu planeta (bzt)'. Eles tinham um sotaque, pareciam japoneses querendo falar português. Deram meia volta e foram embora." (Roger Shoji Miyake, 15 anos, Colégio Galileu Galilei, S.Paulo).

Em seguida, a leitura de textos como "Jaguardate" de Lewis Carrol, que cito a primeira estrofe:

"Era briluz. As lesmolisas touvas
Roudavam e relviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas
E os momirratos davam grilvos."

possibilitaria a comparação com textos anteriores e o levantamento de outras questões. Por exemplo o modo como identificamos os elementos da narrativa - espaço, personagem, ação - através da estrutura das palavras, da frase, completado pelas associações sonoras. Exemplo: grilvos/gritos, galunfante/triunfante.

O levantamento dos critérios usados para identificarmos "lesmolisas, pintalouvas e momirratos" - substantivos e "touvas, vorpal" - adjetivos seria um primeiro trabalho com classes gramaticais. E, como o vestibular não pode ser esquecido, outros exercícios complementaríamos o estudo, abordando outras classes, flexão, colocação etc.

A literatura neste caso foi bastante estudada, já que trabalhamos a palavra, a estrutura do texto e, principalmente, o seu significado.

Estes exemplos são apenas exemplos. Muito se pode inventar no trabalho com a língua e a literatura. O importante, a meu ver, ao trabalhar com a palavra - suporte da mediação do homem com os outros homens, do homem com o mundo e do homem consigo mesmo - é que este trabalho seja vínculo de conscientização, veículo de libertação de quem a usa. Que seja causa e consequência do diálogo. Diálogo-práxis. Diálogo-vivência; transformação deste mundo e das pessoas que o pronunciam.

